

áreas da filosofia

lista bibliográfica de apoio à disciplina de filosofia I 8



História da Filosofia

FILOSOFIA MEDIEVAL

Áreas da filosofia

lista bibliográfica de apoio à disciplina de filosofia I 8



HISTÓRIA DA FILOSOFIA filosofia Medieval



Série: Áreas da Filosofia, n.º 8 | Filosofia Medieval

Seleção: Emília Laranjeira

Seleção web: Isabel Bernardo

Desenho gráfico: Isabel Bernardo

Paginação: Conceição Sacarrão e Fernanda Cravo

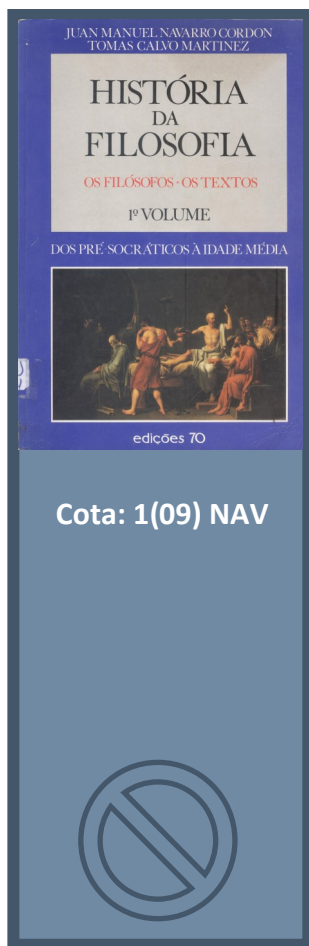
Edição: Biblioteca Escolar Clara Póvoa

Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede, 2016

Organizadas por temas relacionados com o programa da disciplina de Filosofia, as *Listas bibliográficas de apoio à disciplina de Filosofia* apresentam dois tipos de recurso:

- documentos livro, áudio e vídeo disponíveis na Biblioteca Escolar Clara Póvoa para consulta presencial e requisição domiciliária
- fontes eletrónicas *online* que podem servir de ponto de partida para explorações / estudos mais aprofundados.

À medida que o fundo documental da BECP se for enriquecendo, estas listas bibliográficas serão atualizadas.



[Santo Agostinho] não é um filósofo no sentido estrito, se entendermos por filósofo um pensador que se limita ao âmbito do que pode ser conhecido por meios exclusivamente racionais, sem apelar para a fé no decurso da sua argumentação racional. A atitude filosófica assim entendida só é possível quando previamente se traçaram fronteiras precisas entre a razão e a fé, atribuindo a cada uma o seu âmbito próprio de competências. St.º Agostinho não se preocupou nunca em traçar fronteiras entre Fé e Razão, mas considerou que ambas, conjunta e solidariamente, têm como missão o esclarecimento da verdade, que, como crente, não podia considerar que não fosse senão a verdade cristã. (p. 97)

Navarro Cordon, J. M. & Calvo Martinez, T. (1990). *História da filosofia* (vol. 1). Lisboa: Edições 70.



Santo Agostinho foi chamado o Platão cristão. Esta definição é verdadeira não tanto porque se encontrem na sua doutrina pontos e motivos doutrinários do Platão autêntico ou do Neoplatonismo, mas porque renova no espírito do cristianismo a investigação que fora a realidade fundamental da especulação platónica. A fé está para Agostinho no termo da investigação, não no seu início. Por certo a fé é a condição da procura que não teria direção nem guia sem ela; mas a procura dirige-se para a sua condição e trata de esclarecê-la com o aprofundamento incessante dos problemas que suscita. Por isso a procura encontra o fundamento e o guia na fé e a fé encontra a sua consolidação e enriquecimento na procura. Nada é tão contrário ao espírito de Agostinho como uma pura gnose, um conhecimento puramente racional do divino(...) Para Agostinho, a procura empenha o homem todo não apenas o intelecto. (p. 126)

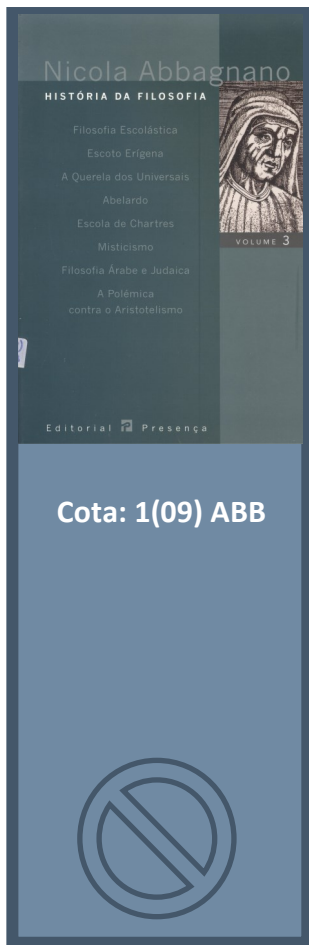
Abbagnano, Nicola (2010). *História da filosofia* (6.^a ed.) (vol. 2). Lisboa: Presença.



Cota: 1(09) NAV

Stº Anselmo passou à história da filosofia fundamentalmente por ter sido o primeiro a formular uma prova da existência de Deus a partir da própria ideia de Deus. Trata-se da argumentação habitualmente designada argumento ontológico, o mais célebre, o mais controverso e o mais estimulante de todos os argumentos que se propuseram para demonstrar a existência de Deus. Em linhas gerais, Stº Anselmo formula-o no Proslogion do seguinte modo: todos os homens (...) têm uma ideia ou noção de Deus, entendem por «Deus» um ser tal que é impossível pensar outro maior do que ele; ora bem, um ser semelhante tem de existir, não só no nosso pensamento, mas também na realidade, já que no caso contrário seria possível pensar outro maior do que ele (a saber, um que existisse realmente) e, portanto, cairíamos em contradição; logo, Deus existe, não só em pensamento, mas também na realidade. (p. 109)

Navarro Cordon, J. M. & Calvo Martinez, T. (1990). *História da filosofia* (vol. 1). Lisboa: Edições 70.



A tradição religiosa é, para a escolástica, o fundamento e a norma da sua investigação. A verdade foi revelada ao homem através das Sagradas Escrituras, através das definições dogmáticas de que a comunidade cristã se serviu para fundamentar a sua vida histórica, através dos padres e doutores inspirados ou iluminados por Deus. Para o homem, trata-se apenas de se aproximar dessa verdade, compreendê-la na medida do possível, mediante os poderes naturais e com a ajuda da graça divina, e fazê-la sua para assumi-la como fundamento da própria vida religiosa. Mas mesmo nesta perspectiva, que é a da própria investigação filosófica, o homem não pode nem deve basear-se apenas nas suas faculdades; a tradição religiosa ajuda-o e deve ajudá-lo fornecendo-lhe, através dos órgãos da Igreja, um guia esclarecedor e uma garantia contra o erro... (p. 10)

Abbagnano, Nicola (2010). *História da filosofia* (5.ª ed.) (vol. 3). Lisboa: Presença.



Paris, a Universidade de Paris, era no século XIII a capital intelectual da Europa. A Universidade de Paris comoveu-se com a chegada da obra aristotélica em versão integral e com a chegada dos comentários de Averróis, que ofereciam um aristotelismo puro. Gerou-se deste modo um movimento aristotélico conhecido por averroísmo latino.

O averroísmo distinguiu-se por três afirmações ou teses, duas das quais eram de origem aristotélica e contrárias à doutrina cristã. Em primeiro lugar, a eternidade do mundo, que parecia atentar abertamente contra a afirmação cristã de que o mundo foi criado por Deus. Contrariamente à filosofia platónica, na filosofia de Aristóteles, não há nenhum Demiurgo, ao qual pudesse deitar-se mão e interpretar-se em termos criacionistas... (p. 120)

Navarro Cordon, J. M. & Calvo Martinez, T. (1990). *História da filosofia* (vol. 1). Lisboa: Edições 70.



Averróis interpreta que não é Deus, mas o Entendimento, que corresponde à esfera da Lua, a esfera celeste imediatamente superior à Terra.) É fácil observar até que ponto esta negação da imortalidade da alma é contrária à doutrina cristã: negue-se a imortalidade da alma e terá perdido todo o sentido o drama cristão da Salvação.

Estavam as coisas neste pé, e os averroístas lançaram a sua terceira afirmação, a teoria da dupla verdade, a saber: que há duas verdades, uma teológica ou da fé, e a outra filosófica ou da razão: as afirmações, diziam, que a alma é imortal e que o mundo é criado são verdadeiras de acordo com a fé; as afirmações opostas de que a alma é corruptível e o mundo é eterno são igualmente verdadeiras, mas de acordo com a razão e a filosofia. Os averroístas foram condenados e o seu representante máximo – Sigério de Brabante – foi expulso da Universidade de Paris e condenado a prisão perpétua . (p. 121)

Navarro Cordon, J. M. & Calvo Martinez, T. (1990). *História da filosofia* (vol. 1). Lisboa: Edições 70.

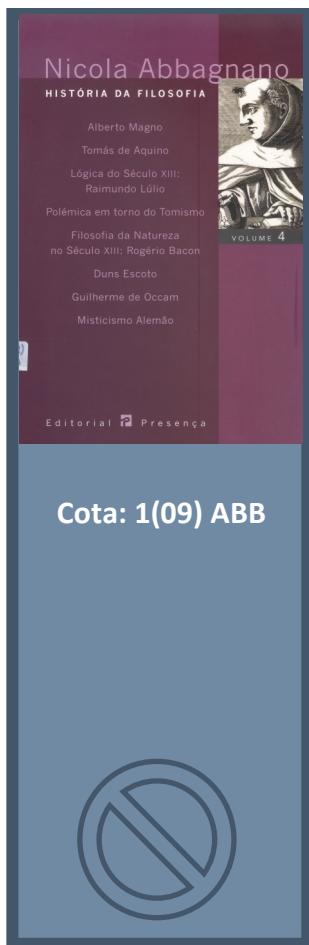


Cota: 1(09) NAV



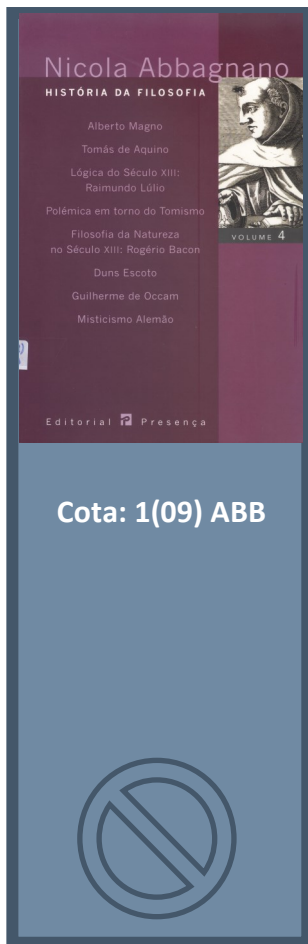
Aquino demarcou-se, pois, claramente dos averroístas nos pontos contrários à fé cristã. A sua atitude perante a filosofia de Aristóteles foi, no entanto, totalmente positiva. Estava convencido de que o sistema de Aristóteles era, em suas linhas gerais, compatível com a fé cristã e que, além disso, proporcionava uma interpretação da realidade em si mesma valiosa e aceitável. É certo – e teremos ocasião de comprová-lo mais adiante – que a interpretação tomista da estrutura da realidade é de inspiração platónica e não aristotélica. Isso não é, porém, obstáculo a que o seu sistema se articule por meio de conceitos e esquemas aristotélicos. Apresentamos de seguida um esboço das doutrinas e esquemas aristotélicos mais importantes, aceites e incorporados por Aquino no seu próprio sistema... (p. 122)

Navarro Cordon, J. M. & Calvo Martinez, T. (1990). *História da filosofia* (vol. 1). Lisboa: Edições 70.



Pedro Hispano (Hispanus) nasceu em Lisboa, na segunda década do século XIII; estudou em Paris (...). Foi bispo cardeal de Túsculo, e em 1276 foi eleito Papa, adotando o nome de João XXI; faleceu, porém, no ano seguinte. Foi famoso como médico e deixou numerosas obras ou traduções de livros de medicina. Mas a sua importância no campo filosófico ficou a dever-se ao seu compêndio de lógica, escrito provavelmente em Siena, onde ensinou, e que tem o título de *Summulae logicales*. Esta obra tem conteúdo idêntico ao da Sinopse da lógica aristotélica, escrita em grego e atribuída a Miguel Psello (1018-1078 ou 1096); e foi considerada como uma tradução da obra de Psello. (pp. 48-49)

Abbagnano, Nicola (2000). *História da filosofia* (5.^a ed.) (vol. 4). Lisboa: Presença.



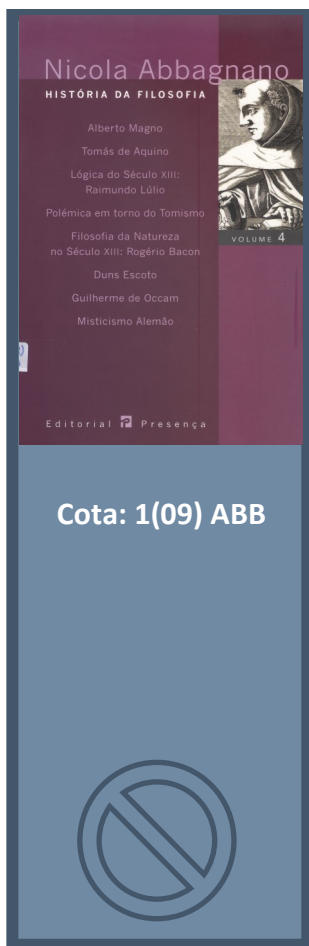
Aparecem pela primeira vez nas Summulae as vogais, as palavras e os versos mnemónicos que passaram a ser correntemente utilizados para o ensino da lógica. Por exemplo, indica-se por A a proposição universal afirmativa, por E a universal negativa, por I a particular afirmativa e por O a particular negativa, e aparecem os versos:

A adfirmat, negat E, sed universaliter ambae.

I firmat, negat O, sed particulariter ambae.

Para indicar as figuras e os modos do silogismo são indicadas as palavras mnemónicas Barbara, Celarent, Darii, Ferio, etc., cujas vogais indicam a quantidade e a qualidade das proposições que constituem as premissas e a conclusão do silogismo. Assim, no silogismo Barbara, tanto as premissas como a conclusão são universais afirmativas... (p. 49)

Abbagnano, Nicola (2000). *História da filosofia* (5.^a ed.) (vol. 4). Lisboa: Presença.



Rogério Bacon nasceu perto de Ilchester, no Dorsetshire, entre 1210 e 1214. A atitude de Bacon em todas as suas obras é a de uma resoluta liberdade espiritual. Está convicto de que a verdade não se revela senão aos homens que a procuram (...). Com base nesta atitude, Bacon pouco ou nenhum caso podia fazer do valor da autoridade para o conhecimento. Se bem que coloque a autoridade ao lado da razão e da experiência, (...) considera que na realidade a autoridade nada faz conhecer, a não ser vindo acompanhada pela sua própria razão (...). Restam, portanto, dois modos de conhecer: a demonstração racional e a experiência. Mas a demonstração racional, embora resolva e nos faça resolver as questões, não dá a certeza nem elimina a dúvida, já que a alma descansa no intuir da verdade se não a encontra pela via da experiência... (pp. 67-69)

Abbagnano, Nicola (2000). *História da filosofia* (5.^a ed.) (vol. 4).
Lisboa: Presença.

History of Philosophy
without any gaps

Buy the book

All Episodes

Classical ▾

Later Antiquity ▾

Islamic World ▾



Episodes

Blog posts

Comments

Twitter

History of Philosophy without any gaps
Kings Collage London
[clique na imagem para aceder ao recurso]



History of Philosophy
without any gaps

Home

All Episodes

Classical ▾

Later Antiquity

All Episodes

All episodes published so far are listed below, or for lists of episodes relevant introductory pages:

Episodes 1 - 14: The Presocratics



- 1 - Everything is Full of Gods: Thales
- 2 - Infinity and Beyond: Anaximander and Anaximenes
- 3 - Created In Our Image: Xenophanes Against Greek Religion
- 4 - The Man With The Golden Thigh: Pythagoras

History of Philosophy without any gaps
Kings Collage London
[clique na imagem para aceder ao recurso]





Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede, 2016